

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HYLANE LARISSA BEZERRA DE SOUZA

**A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM GESTÁLTICA: UM ESTUDO DE
CASO CLÍNICO**

NATAL/RN

2017

HYLANE LARISSA BEZERRA DE SOUZA

**A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM GESTÁLTICA: UM ESTUDO DE
CASO CLÍNICO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, apresentado ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^o Me. Eudes Basílio de Alencar Segundo Júnior.

NATAL/RN

2017

HYLANE LARISSA BEZERRA DE SOUZA

**A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM GESTÁLTICA: UM ESTUDO DE
CASO CLÍNICO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, apresentado ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Me. Eudes Basílio de Alencar Segundo Júnior
Orientador (a)

Lillian Argolo do Amaral
Examinador (a) Titular

Prof.ª Rocelly Daiane Teotônio da Cunha Souza
Coordenador (a) do Curso

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos primeiramente a Deus por minha existência e por ter colocado em meu caminho pessoas certas que tanto tem contribuído e me ajudado, por ter me dado apoio, força, coragem e muita determinação para jamais desistir de continuar o caminho para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais Haroldo e Edilma, por todo amor e dedicação durante toda a minha vida e por nunca terem desistido e desacreditado no meu potencial, cada um ajudando de sua maneira, me incentivando nos momentos difíceis e aos demais familiares pelo imenso incentivo e apoio. A minha irmã Halane Lyllian, por ser um presente de Deus, luz que me encoraja e faz viver, te admiro por tudo que você é, por tudo que você representa na minha vida.

A todos os docentes que tive o prazer de conhecê-los e aprender um pouco com cada um, em especial, ao meu professor e orientador Eudes Alencar, pela sua dedicação em sempre transmitir-me o melhor de si. Sabedorias compartilhadas as quais foram fundamentais para construir esse trabalho. Aos meus colegas de sala de aula que durante cinco anos estivemos juntos em busca do conhecimento, mesmo diante das dificuldades de cada um; persistimos e não desistimos.

Por fim, proporciono estes agradecimentos a todos que tornaram minha vida mais afetuosa. Deus, que a mim atribuiu alma e missões pelas quais já sabia que eu iria batalhar e vencer, agradecer é pouco.

“A terapia possibilita ao indivíduo deixar de repetir de forma morta sua vida, apresentando um novo conflito criativo que convida ao crescimento, a mudança, ao excitamento e à aventura de viver.”

(Frederick Salomon Perls)

RESUMO

O presente trabalho trata da prática do estágio curricular supervisionado em Psicologia Clínica, tomando-se por base a Gestalt-terapia, enquanto Abordagem Fenomenológico-Existencial Humanista. Tem por objetivo analisar uma demanda que emergiu na prática da escuta do serviço psicológico nas Clínicas Integradas do UNI-RN, no período de abril a novembro de 2017. O estágio é considerado um requisito básico para a conclusão e formação em Psicologia, tem como objetivo proporcionar ao estagiário um contato direto com a realidade e com o mercado de trabalho, levando a teoria ao campo prático. O presente trabalho relata um breve histórico da Gestalt-terapia com suas principais influências, definindo os principais conceitos relacionados ao tema do trabalho, assim como uma descrição do processo psicoterapêutico. A psicoterapia foi vivenciada de uma maneira positiva pela cliente que, depois do processo, conseguiu ampliar o autoconhecimento, dando sentido a sua existência, resgatar a autenticidade e encontrar o outro e a si mesma com respeito e aceitação, além de desenvolver sua habilidade de dialogar, viver no momento presente, ressignificar situações inacabadas e, sobretudo, estabelecer relações mais saudáveis. Na primeira parte, são encontradas informações gerais, um passeio na orientação teórica que embasa o trabalho, seguido de relatos do estudo de um dos casos atendidos ao longo do estágio. Ao final do relatório estão presentes algumas considerações a respeito da experiência de estágio e as referências bibliográficas.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia. Relação Terapêutica. Processo Psicoterapêutico.

ABSTRACT

The present work deals with the practice of supervised curricular internship in Clinical Psychology, based on Gestalt therapy as a Humanistic-Existential Phenomenological Approach. It aims to analyze a demand that emerged in the practice of listening to the psychological service in the Integrated Clinics of UNI-RN, from April to November 2017. The internship is considered a basic requirement for completion and training in Psychology, aims to give the trainee a direct contact with the reality and with the labor market, taking the theory to the practical field. The present work reports a brief history of Gestalt therapy with its main influences, defining the main concepts related to the subject of work, as well as a description of the psychotherapeutic process. Psychotherapy was experienced in a positive way by the client who, after the process, was able to increase self-knowledge, give meaning to their existence, rescue authenticity and find the other and themselves with respect and acceptance, as well as developing their ability to dialogue, living in the present moment, re-signifying unfinished situations and, above all, establishing healthier relations. In the first part, general information is found, a walk in the theoretical orientation that bases the work, followed by reports from the study of one of the cases attended throughout the stage. At the end of the report there are some considerations regarding the internship experience and the bibliographic references.

Keywords: Gestalt-Therapy. Therapeutic Relationship. Psychotherapeutic Process.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DA GESTALT-TERAPIA.....	12
3	PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS.....	13
3.1	HUMANISMO.....	13
3.2	EXISTENCIALISMO.....	14
3.3	FENOMENOLOGIA.....	16
4	TEORIAS DE FUNDO.....	18
4.1	PSICOLOGIA DA GESTALT.....	18
4.2	TEORIA DE CAMPO - KURT LEWIN.....	19
4.3	TEORIA ORGANÍSMICA - KURT GOLDSTEIN.....	20
4.4	TEORIA HOLÍSTICA - JAN SMUTS.....	21
5	PRINCIPAIS CONCEITOS DA GESTALT.....	24
5.1	AWARENESS.....	24
5.2	AUTOREGULAÇÃO.....	25
5.3	AJUSTAMENTO CRIATIVO.....	27
5.4	FIGURA E FUNDO.....	28
5.5	AQUI-E-AGORA.....	29
5.6	CICLO DE CONTATO-RETRAÇÃO.....	30
5.7	ESTRATÉGIAS DE BLOQUEIO DE CONTATO.....	32
6	A PSICOTERAPIA GESTÁLTICA E O GESTALT-TERAPEUTA.....	34
7	ESTUDO DE CASO CLÍNICO.....	36
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE.....	49
	ANEXO.....	61

1 INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia é uma prática psicoterapêutica que se orienta por uma visão integradora do homem, procurando vê-lo como um todo. Foi em meados dos anos 40 que a Gestalt começou a ser praticada efetivamente como tal.

A Gestalt-terapia foi oficialmente batizada nos Estados Unidos (Nova York) por volta do ano de 1951. Por volta do ano de 1968, ficou conhecida em grandes proporções, quando ganha destaque como possibilidade efetiva de resgatar novos conceitos do ser humano.

É uma abordagem fenomenológica-existencial humanista que surgiu a partir da psicologia humanista e de outras abordagens e teorias. Implica-se numa visão holística, enxergando o homem em sua totalidade, incluindo mundo, mente e corpo. É contra qualquer dicotomia, pois acredita que se essa totalidade for rompida o homem perderá sua essência (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013).

Ribeiro (1985) amplia essa caracterização alegando que a Gestalt-terapia, necessariamente, assume um posicionamento existencialista, mas que ela nem sempre é dialógica. O autor enfatiza que a essência do existencialismo é o sentido de respeito e responsabilidade pela própria existência e pelo outro.

A teoria da Gestalt é holística, ou seja, concebe o indivíduo em seu todo, em constante relação e conseqüentemente transformação de si mesmo e do mundo, com potencial criativo. Para a Gestalt, o homem é indivisível, composto por dimensões orgânicas, mentais e sociais. Além disso, não pode ser considerado isoladamente, pois é um ser-no-mundo em constante relação.

A Gestalt-Terapia nutriu-se de diversas fontes para a formação de sua metodologia prática e teórica. A visão de homem por ela trabalhada está pautada em teorias de fundo que englobam a metodologia fenomenológico-existencial e a psicologia da Gestalt.

O termo Gestalt significa uma integração de partes em oposição à soma das mesmas num todo. Logo, é importante salientar que Psicologia da Gestalt e Gestalt-terapia são assuntos diferentes, com campos de atuação e preocupações diferentes.

A Gestalt-terapia se preocupa com o campo clínico, com as técnicas de trabalho e estudos que visam dar ao homem as condições necessárias para seu próprio crescimento. Enquanto que a Psicologia da Gestalt foi um campo de pesquisa que trouxe uma série de novas perspectivas para entender a maneira com a qual o homem se relaciona com o mundo.

O primeiro autor da Gestalt-terapia foi o então psicanalista judeu, de origem alemã, Frederick Salomon Perls (1893-1970). Não mais preso à teórica Psicanalítica, Perls investiu na estruturação de um novo campo clínico, escolhendo o nome de "Gestalt" para este novo campo e publicando nos EUA a primeira obra eminentemente gestaltista em 1951 (PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1980).

Para finalizar, cabe destacar que o objetivo da psicoterapia de base gestáltica é justamente a integração da pessoa, ou seja, que entre em contato e assimile partes dela mesma que antes se mostravam alienadas, tornando-se dessa maneira uma pessoa mais inteira.

2 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DA GESTALT-TERAPIA

A Gestalt-terapia sofreu várias influências teóricas, filosóficas e metodológicas. Algumas influências foram a Teoria de Campo, de Kurt Lewin, que participou do movimento gestaltista. Tradicionalmente, a Gestalt-terapia subdivide seus fundamentos em três teorias de base: a Psicologia de Gestalt, de Wertheimer, Köhler e Koffka, a Teoria Organísmica Holística, de Kurt Goldstein, a concepção de mundo de Jan Smuts, fundador da Teoria Holística.

Os principais fundamentos filosóficos da Gestalt-terapia são o Humanismo, o Existencialismo e a Fenomenologia. Existem várias correntes humanistas, existencialistas e fenomenológicas, no entanto, nesta discussão, levar-se-ão em conta os elementos gerais, que servem a uma reflexão da prática psicoterapêutica e do homem. É necessário esclarecer que não existe uma transposição dessas correntes para a Psicologia, e, de forma específica, para a psicoterapia, mas “frequentemente a interpretação e a aplicação do texto a um momento psicoterapêutico terão caráter certamente analógico” (RIBEIRO, 1985, p. 27).

3 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS

A Gestalt-Terapia é uma abordagem psicológica que teve várias influências das correntes filosóficas, as mais importantes para a criação da Gestalt-Terapia foram o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia. Para Ribeiro (1985), o ser humano, enxergando nessa tríplice visão, se torna inteligível e os modos de abordá-lo se tornam mais eficazes.

3.1 HUMANISMO

Segundo Holanda (1998), o humanismo tem sido a grande tentativa do homem de compreender-se e de fazer-se compreendido. Embora a preocupação com o ser humano, de alguma forma, sempre tenha existido, foi o Humanismo que buscou a compreensão do homem em sua totalidade. Com o Humanismo, procurou-se integrar o homem, como um todo, ao meio em que vivia e, assim, dar-lhe uma identidade como ser humano.

O Humanismo, portanto, nasce com a bandeira da revalorização do homem, da restituição do lugar do homem enquanto senhor de si, do reencontro com as potencialidades humanas.

A Gestalt-terapia deve ser considerada como agregada à escola da Psicologia Humanística, o que significa que contém e promove a ideia do homem como centro, como valor positivo, como capaz de autogerir-se e regular-se.

A Psicologia Humanista, ou terceira força, constituiu-se nos anos 1960, na Psicologia americana, como uma alternativa ao Comportamentalismo e à Psicanálise. Desenvolveu-se como movimento de combate ao sentimento de desumanização e à massificação do indivíduo no século XX. No campo específico da Psicologia, a adoção da denominação humanista foi uma tentativa de tornar a Psicologia uma ciência humana (BUROW & SCHERPP, 1985; HOLANDA, 1998).

O humanismo acredita existir no ser humano um grande potencial que ultrapassa a sua existência, temos um enorme impulso para o crescimento, e para o processo de individualização e transformação em que o homem é responsável pela atualização e crescimento como um ser que tem infinitas possibilidades de escolher.

Segundo Ribeiro (1999, p. 25):

[...] o resgate do humano, do positivo, da beleza, da força, da espontaneidade perdida, da criatividade que geram infinitas possibilidades de caminhos diferentes. Significa que, no caminho da reconstrução da identidade perdida ou confusa, procuramos no ser humano o que ele tem de bom, de positivo, de inteiro, de potencialmente transformador; aquilo que o cliente sente ter de melhor a sua disposição. (RIBEIRO, 1999, p. 25).

O humanismo trabalha em uma concepção do mundo e da existência, cuja questão central é o ser humano. Podemos dizer que o Humanismo torna o homem, enquanto ser mais verdadeiramente humano. Dessa forma, não se busca enquadrar o homem dentro de uma teoria ou de um conjunto de ideias estabelecidas a priori, mas sim garantir uma atitude de abertura para com o outro, para assim se aproximar do mundo de significados de cada pessoa.

3.2 EXISTENCIALISMO

O Existencialismo difundiu-se como o pensamento mais radical a respeito do homem na época contemporânea. Surgiu em meados do século XIX com o pensador dinamarquês Kierkegaard (1813-1855), que propôs uma filosofia que privilegiasse a questão da existência, e alcançou seu apogeu após a Segunda Grande Guerra.

É uma corrente filosófica que fascina pelos seus questionamentos absolutamente atuais. Os filósofos da existência buscaram entender o homem como um sujeito situado, ou seja, como uma realidade em contato com outros sujeitos e com o mundo.

Em sua filosofia a escolha possui um papel fundamental, pois é considerada como núcleo da existência humana. Dessa forma, “Existir é escolher-se”. A

existência exige e impõe ao homem, a cada momento, uma série inesgotável de escolhas e, dessa forma, oferece-lhe a oportunidade de se construir, de modalizar a cada instante a concretização do seu ser.

Segundo Cardella (2002, p. 35):

[...] tanto para a Gestalt-Terapia como para o existencialismo, o homem é o interprete mais fiel de si mesmo, centro de sua própria liberdade e libertação, detentor do poder sobre si mesmo, ainda que, momentaneamente, tenha perdido a aptidão para autogovernar-se. (CARDELLA, 2002, p. 35).

A Gestalt-terapia é um caminho e uma forma de o homem expressar-se diante da vida, de encontrar um modo particular de estar no mundo e de lidar com ele (Ribeiro, 1985). Na Gestalt-terapia, o homem também é percebido como uma pessoa singular, concreta, livre e, ao mesmo tempo, circunstancial, responsável pelas suas escolhas. Suas escolhas vão ao encontro de seus valores, suas crenças e seus projetos.

O existencialismo embasa a abordagem da Gestalt-Terapia que trabalha sempre com o princípio da presentificação (awareness). Fundamenta o trabalho do gestalt-terapeuta no sentido de considerar a vivência concreta de cada ser humano, experimentando e orientando a sua própria existência, compreendendo-o como um ser singular, capaz de fazer escolhas claras e de assumir responsabilidades por elas.

“[...] é com base na responsabilidade de seus atos e escolhas conscientes, e nas consequências destes, que o homem se cria, de modo eminentemente existencial; que a existência confere valor e sentido.” (FONSECA In D’ACRI; Org., 2007, p.98)

Por isso, o objetivo da Gestalt-terapia é a awareness, pois ao tomar consciência de si, do outro e do mundo, o sujeito torna-se cômico de seu projeto de vida, de como esse projeto vem sendo realizado, se está de acordo com o que se pretendia para sua vida e a vida ao seu redor.

O Existencialismo é a base filosófica que permite ao gestalt-terapeuta ter uma visão de homem e, então, direcionar seu trabalho para esse homem que se constitui à medida que é. Além da visão de homem, o gestalt-terapeuta precisa de um método para trabalhar (no caso, o método fenomenológico) e de uma atitude dialógica para encontrar o cliente (YONTEF, 1998).

3.3 FENOMENOLOGIA

A Fenomenologia tem sua fundação como linha de pensamento vinculada a Edmund Husserl, influenciado fundamentalmente pelas teorias de Franz Brentano e Ernest Mach, partindo da crítica ao modelo de ciência vigente para propor uma nova concepção metodológica.

De acordo com Holanda (1997, p. 40):

A Fenomenologia, aplicada à Psicologia, pode ser entendida como uma postura, uma atitude que nos abre todo o leque de possibilidades para plenificar o encontro com o fenômeno. (HOLANDA, 1997, p. 40).

Na prática da Gestalt-terapia, o existencialismo baseia-se no método fenomenológico. O foco está diretamente relacionado na experiência da pessoa, nas relações, alegrias e sentimentos como são experienciados de fato. O trabalho é mais focalizado no processo do que no conteúdo e é enfatizado o que está sendo feito, pensado e sentido no momento presente. (YONTEF, 1998)

A Psicologia, baseada na Fenomenologia tem como fundamento a valorização da subjetividade consciente e suas inter-relações, por isso, a preocupação com a experiência consciente. Segundo Cardella (2002, p. 39), a fenomenologia clareia, então, significados atribuídos que constituem um fenômeno, ou seja, um fragmento da experiência de um sujeito-no-mundo, pela descrição da experiência, da observação de “como” ela acontece. [...] Assim, ao realizar a descrição fenomenológica, o Gestalt-terapeuta privilegia o “o quê” e o “como”, em vez do “porque”.

A vivência imediata, a percepção diferenciada que cada sujeito tem em relação ao seu meio e as coisas vivenciadas como únicas para si são aspectos que fazem parte da perspectiva fenomenológica utilizada pela Gestalt-Terapia.

Holanda (1997) entende que a fonte de todo conhecimento autêntico está na experiência imediata de si e de outrem. Na relação imediata, não deve existir qualquer teoria entre terapeuta e cliente, apenas um encontro face a face, qualidade apontada por Buber (1979), quando ele se refere ao diálogo como realidade existencial, que implica envolvimento e colocação presente da pessoa.

Um outro pressuposto, de grande importância, que se encontra presente na fenomenologia refere-se à Redução Fenomenológica, e baseia-se na ideia de que para compreender o fenômeno como ele se mostra é necessário “colocar entre parênteses” os valores e os juízos pessoais, aquilo que é particular do sujeito que percebe o fenômeno.

De acordo com Holanda (1998, p.38):

A redução fenomenológica evidencia a colocação do ser-no-mundo, o posicionamento do ser em situação, em função da qual este sujeito não é puro sujeito, nem o mundo puro objeto. Ambos se correlacionam, permanecendo um em função do outro (...) é uma busca do significado, uma procura pelo subjacente, em detrimento do simples aparente. (HOLANDA, 1998, p. 38).

Na redução fenomenológica, suspende-se todo o conhecimento e toda expectativa em relação à natureza do fenômeno, o que dificulta possíveis direcionamentos terapêuticos, conscientes ou não, tanto que, por um momento o terapeuta deve reter seu saber acumulado (PETRELLI, 2004).

4 TEORIAS DE FUNDO

4.1 PSICOLOGIA DA GESTALT

A Psicologia da Gestalt originou-se na Alemanha, entre 1910 e 1912. É uma das tendências teóricas mais coerentes e coesas da história da Psicologia. Seus articuladores se preocuparam em construir não só uma teoria consistente, mas também uma base metodológica forte, que garantisse a consistência teórica.

O primeiro estudo oficial, que fundou esta nova escola, apareceu em 1912, com a assinatura conjunta de Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967).

A Psicologia da Gestalt tende a definir a Psicologia como o estudo da experiência imediata do organismo total. Embora os gestaltistas queiram incluir todo o espectro da Psicologia em sua perspectiva, privilegiam o estudo da percepção, em relação às demais áreas.

Esse movimento articula-se em torno de alguns conceitos básicos, e o mais importante delas é que “o todo é diferente da soma de suas partes”, ou seja, que a qualidade do todo não é apenas mais um elemento, e que as qualidades do todo determinam as características das partes. Deriva deste princípio a lei da pregnância, ou a clareza, equilíbrio e harmonia da Gestalt, segundo a qual a organização de qualquer todo é tão boa quanto às condições vigentes (BUROW & SCHERPP, 1985; RIBEIRO, 1985; GOMES FILHO, 2003).

Outro conceito interligado, é que toda Gestalt existe em uma relação de figura que se destaca sobre um fundo mais geral. A figura está ligada a uma necessidade, a algo que se destaca, que se forma mais claramente do que o fundo, isto é, possui uma estrutura mais perfeita e é mais resistente à mudança. O fundo é aquilo que dá sustentação a figura, ao aqui-e-agora.

Segundo Perls (1977), a Psicologia da Gestalt entende que o homem não percebe coisas isoladas e sem relações, mas organiza seu processo perceptivo, como um todo significativo. Outro ponto importante, abordado também pela Psicologia da Gestalt, é o conceito de homeostase. “O processo homeostático é

aquele pelo qual o organismo mantém seu equilíbrio, e conseqüentemente sua saúde sob condições diversas. A homeostase é, portanto, o processo através do qual o organismo satisfaz suas necessidades.” (PERLS, 1977).

Um dos principais objetivos da escola gestaltista é a elaboração de leis e princípios sobre a organização da percepção. Para Wertheimer, a percepção humana está estruturada e tem um caráter único. Se for estruturada de outro modo, será uma estrutura totalmente diferente e nova. Em outras palavras, uma alteração em partes do todo altera necessariamente o todo (PENNA, 2000).

A palavra Gestalt apresenta dois significados diferentes: (1) a forma; (2) uma entidade concreta que possui entre seus vários atributos a forma. A tradução da palavra “Gestalt” não se acha nas outras línguas e a melhor maneira encontrada pelos próprios gestaltistas ao escrever em idiomas é simplesmente mantê-la. (ENGELMANN, 2002).

4.2 TEORIA DE CAMPO - KURT LEWIN

Kurt Lewin (1890-1947) foi o idealizador da Teoria de Campo. Seus estudos iniciais ocorreram em Berlim, com outros psicólogos da Psicologia da Gestalt (Wertheimer e Köhler). Para Lewin (1973), o campo tem diversos pontos e fontes de força, formando uma rede. A percepção depende dessa rede. Assim, coisas e pessoas só são compreendidas se percebidas em uma relação total com o ambiente que os cerca.

Yontef (1998) conceitua campo como “uma totalidade de forças que se influenciam mutuamente e que juntas formam um todo unificado e interativo” (p. 185). Desse modo, a ênfase dada pela Teoria de Campo ao processo, ao relacionamento e às forças dinâmicas existentes no campo, fornece uma base segura para a compreensão de fenômenos complexos (YONTEF, 1998).

Lewin (1973) destaca a importância de compreender um comportamento em relação ao meio que o circunda, ou seja, compreender o campo, até porque “toda

psicologia científica deve tomar em conta situações totais, isto é, o estado da pessoa e do meio ambiente” (LEWIN, 1973, p. 29).

“A Teoria de Campo vê a realidade como campos ou como um grande campo unificado, onde a realidade maior acontece”. (RIBEIRO, 1994, p. 63). Assim como para a Teoria de Campo, a Gestalt-terapia entende que uma pessoa, singular, e ao mesmo tempo inserida em um campo, só pode ser compreendida em um contexto atual (aqui-agora). Para tanto, procuram-se resgatar as conexões e as relações entre os diversos elementos do campo (ZINKER, 2001).

Tanto a Teoria de Campo quanto a Gestalt-terapia consideram que o todo é maior que a soma das partes. Cada parte só pode ser entendida no contexto do todo, ou seja, o comportamento é função do campo. A modificação de uma parte implica a mudança da totalidade. O processo, por ser circular e não linear, possibilita que a interferência em um ponto modifique o conjunto (RIBEIRO, 1985; YONTEF, 1998; ZINKER, 2001).

Segundo Ribeiro (1999), a teoria de Kurt Lewin tem como pressuposto básico a questão da relação ser humano e campo, o mesmo autor também fala que o ser humano está inserido em um determinado campo, desse modo a sua realidade será sempre relacional e o seu comportamento só poderá ser compreendido a partir de uma visão que leve seu contexto em consideração.

4.3 TEORIA ORGANÍSMICA - KURT GOLDSTEIN

Segundo Kurt Goldstein a Teoria Organísmica tenta superar a divisão do homem em corpo e mente, e compreende que o indivíduo é entendido como uma só unidade, com um todo unificado; o que afeta uma parte, acaba afetando o todo.

Uma das principais características da Teoria Organísmica, no que diz respeito ao funcionamento da pessoa, é que o organismo é um sistema organizado, e o todo é diferente de suas partes; um elemento é sempre considerado como parte integrante do organismo total, e o todo é regido por leis que não se encontram nas partes.

Ribeiro (1999) entende que a Teoria Organísmica rompe epistemologicamente com o modo então existente de conceber a realidade, ao defender que a totalidade explica a parte, e o autor acrescenta que “não é, no entanto, o número de partes que um objeto contém que o faz simples ou complexo, explicável ou não. É sua relação com a vida” (RIBEIRO, 1999, p. 102).

Desse modo, a pessoa é entendida como integrada. O organismo é organizado como um todo diferenciado em suas partes e o homem apresenta um impulso de autorregulação e por ele é sempre motivado. Dessa maneira, o homem possui em si mesmo as potencialidades para seu próprio crescimento, recebendo também, do meio exterior, influências positivas para esse crescimento.

A autorrealização, segundo Goldstein (HALL & LINDZEY, 1984) é o único motivo que possui o organismo. A satisfação de alguma necessidade é um requisito básico para a autorrealização do organismo total. Pôr-se em acordo com o meio ambiente significa existir uma interação constante entre o organismo e o meio ambiente. Algumas vezes, as ameaças do ambiente são tão fortes que o comportamento do indivíduo é paralisado pela ansiedade; outras vezes, a autorrealização é bloqueada pela carência de condições e de objetos necessários no meio.

4.4 TEORIA HOLÍSTICA - JAN SMUTS

Smuts (1996), define o Holismo como uma tendência sintética do universo em evoluir por meio da formação de todos. Uma das propostas do Holismo era estudar tanto os aspectos universais da realidade como os aspectos estruturais, pois a experiência é uma interação dos aspectos subjetivos e objetivos.

A teoria holística considerava que além das forças externas que agem nos organismos existem ações internas nesses que se traduzem em mudança e evolução. Os todos são dinâmicos e funcionam de modo criativo sendo o progresso e o desenvolvimento geradores de maior grau de complexidade. A personalidade

surge como o ápice desse processo de desenvolvimento do todo em estruturas cada vez mais complexas.

Segundo Lima (2005), uma importante contribuição trazida por Smuts é relativa à noção de evolução. Lima (2005) destaca que: “Esta visão da evolução como um processo criativo trouxe uma grande ruptura no pensamento evolucionista que imperou até início do século XX” (LIMA, 2005, p. 65).

Smuts, assim como Goldstein, entendia o organismo humano como um sistema. Uma das principais características desse tipo de sistema é descrever o organismo como um centro de regulação interna que coordena e ajusta as suas atividades e funções às demandas do meio ambiente (o externo é transformado em algo novo a ser assimilado pelo organismo). O Holismo é o princípio que ordena a formação de ‘todos’ no universo, sendo o organismo humano parte desse modelo.

De acordo com Smuts:

“O Homem tem por base ambos os mundos; enquanto mantém um pé plantado no plano mecanicista, o outro está firmemente assentado no plano holístico, com uma distinta inclinação para este. Ele é essencialmente um ser espiritual e holístico, não de um tipo mecanizado, com categorias de ordens mental e ética sui generis...” (SMUTS, 1996, p. 152).

O ser humano enquanto um organismo complexo e holístico desenvolveu um poder de autorregulação que o dota de um maior grau de liberdade diante da instabilidade dos processos vitais. Um dos conceitos mais importantes para a Psicologia e as contribuições de Smuts, é o conceito de personalidade.

Enquanto para a psicologia a mente é um fenômeno a ser estudado, para o Holismo a mente constitui-se como a fase do processo evolutivo universal. A mente se estrutura como um sistema complexo que emerge a partir da matéria e da vida. É através da mente que o homem tem controle sobre o seu funcionamento orgânico e sobre os seus valores. Smuts enaltecia a importância da personalidade enquanto o todo mais holístico existente no universo.

Lima (2005) ressaltou que:

Quando a personalidade encontra a possibilidade de desenvolver suas habilidades, ela ganha cada vez mais este sentido de completude no qual mente e corpo, razão e sentimentos, desejo e emoções se desenvolvem de forma harmoniosa e integrada. Para que isto ocorra a personalidade precisa encontrar na sua relação com o meio que a cerca os recursos necessários, tanto materiais quanto morais, intelectuais e sociais, para seu desenvolvimento. Quando isto não acontece, a personalidade sucumbe e não se realiza na sua completude (LIMA, 2005, p. 74).

Smuts valorizava a importância do processo de assimilação pelo qual a personalidade pode metabolizar aquilo que recebe do meio. Quando esse processo não ocorre de forma a permitir que a personalidade exerça o seu potencial criativo da autorregulação de modo satisfatório, a autorregulação fica deteriorada e o funcionamento orgânico deficitário.

Assim como Smuts, Perls acreditava que o exercício da liberdade era uma conquista do homem na evolução holística. É por meio da liberdade que o homem se liberta da cadeia das determinações causais e pode mudar o rumo da sua vida de modo consciente e autorregulativo. “A liberdade não é, portanto, um conceito meramente formal, senão uma atividade real, na qual o Holismo molda e desenvolve a personalidade individual” (SMUTS, 1996, p. 309).

Smuts já deixava implícita a noção de campo na teoria holística. Os todos são sempre pensados como unidades inseridas em um campo onde o campo não é algo diferente ou adicional, mas sim a continuação de si mesmo na experiência sensível. O campo é uma extensão energética do sistema mostrando as mesmas propriedades que esse. O campo funciona como uma ponte por meio da qual outros sistemas se interpenetram. O organismo e o campo formam uma estrutura contínua, sendo o organismo um ponto sensível por intermédio do qual essa estrutura se inicia. Fechando com as palavras do próprio Smuts:

Assim como um campo físico tem suas linhas de força, também o campo orgânico da natureza, que resulta da interpenetração de todos os campos de conjuntos que a compõem, tem suas próprias curvas estruturais de progresso. Na sociedade humana vemos como o campo social ou atmosférico torna-se um sistema de controle, uma influência moldadora à qual todos os membros nele introduzidos estão sujeitos (SMUTS, 1996, p. 342).

5 PRINCIPAIS CONCEITOS DA GESTALT

5.1 AWARENESS

De modo resumido, “Awareness é uma forma de experiência que pode estar em contato com a própria existência, com aquilo que é.” (YONTEF, 1998, p. 30). É ter consciência da própria consciência, é olhar o próprio olhar e, como tal, é um momento de transcendência. O objetivo da Awareness na Gestalt-terapia, é dar-se conta de algo, é uma forma integrada e totalizante, resultado de variáveis presentes em dado campo (RIBEIRO, 2006).

Segundo Yontef (1998), o objetivo da Gestalt-Terapia é tornar os clientes conscientes, perceberem o que estão fazendo, como estão agindo, mostrar como eles percebem o meio e onde estão inseridos, como podem transformar-se aprender e valorizar-se diante dos fenômenos.

A compreensão do conceito de awareness dá-se mediante uma concepção que envolve necessidade, presentificação, responsabilidade, escolha, experimentação e integração. Acontece acompanhada de aceitação, isto é, juntamente com o processo de conhecimento, de escolha. Através da awareness pretende-se uma ampliação da consciência do indivíduo sobre o seu próprio funcionamento.

A necessidade implica a disponibilidade de a pessoa estar em contato com seu interesse dominante. Presentificação refere-se à capacidade de atualização da necessidade. Responsabilidade é concebida como a habilidade de a pessoa ser responsável e responder por seus comportamentos e sentimentos (KARWOWSKI, 2005).

Por meio do awareness é possível discriminar e assimilar o que é nutritivo e rejeitar aquilo que é tóxico, resultando em crescimento. Ela sempre ocorre no momento presente, no aqui-e-agora, mesmo que com ela se esteja recordando acontecimentos do passado. Ela é processual, ocorre em um processo e só se dá em contato.

Além disso:

[...] a awareness é um processo que se modifica continuamente, pois é sempre presente, logo, fluida e dinâmica; torna possível saber “o que” e “como” se faz algo, além de favorecer um contato de boa qualidade e, portanto, a capacidade de diferenciação eu-não eu. (CARDELLA, 2002, p.65)

Awareness é um momento de iluminação, em que a pessoa se percebe como uma totalidade em funcionamento e, somente então, se vê como possível. A clareza acerca de quem se é, do que deseja, das possibilidades e limitações, oferece ao cliente a sensação de estar mais forte para mudar.

O crescimento de um indivíduo pode ser prejudicado quando o processo de uma awareness é interrompido, pois o mesmo não consegue perceber as suas necessidades e supri-las, consequentemente acumulando várias situações inacabadas no fundo.

Nesse momento, a Gestalt-terapia, segundo Beisser (1980), é apoiada pela teoria paradoxal da mudança. O autor aponta que mudar é se tornar exatamente o que se é. A awareness torna-se fundamental também, para a promoção do ajustamento criativo.

5.2AUTORREGULAÇÃO

A autorregulação é um processo em constante renovação, no qual o organismo satisfaz suas necessidades em busca de um equilíbrio dinâmico. A dinamicidade, fruto de um constante equilibrar-se e desequilibrar-se, decorre do surgimento de novas necessidades que aparecem à medida que o organismo responde à necessidade atual.

Aquilo de que o organismo necessita surge como figura que, em dado momento é satisfeita e, assim, restabelece seu estado de equilíbrio. Essa

autorregulação, segundo Robine (2006), é sã e espontânea, já a neurose é a interrupção ou a distorção do processo saudável.

Perls (1988) assegura que uma vez que as necessidades são muitas e cada necessidade perturba o equilíbrio, o processo homeostático perdura o tempo todo. Toda vida é caracterizada pelo jogo contínuo de estabilidade e desequilíbrio no organismo. Quando o processo homeostático falha em alguma escala, quando o organismo se mantém num estado de desequilíbrio por muito tempo e é incapaz de satisfazer suas necessidades, está doente. (PERLS, 1988, p. 20)

Por meio da organização das necessidades, os indivíduos regulam-se de forma ordenada e significativa. O indivíduo organismicamente autorregulador absorve o que é nutritivo e rejeita o que é maléfico, ao passo que no indivíduo não saudável inexistente o processo de assimilação. As introjeções enrijecem o comportamento e prejudicam a percepção da necessidade presente, inibindo o crescimento.

A terapia deve ajudar o cliente a analisar o que lhe está sendo proposto, verificar o que ele acredita e rejeitar o que não lhe serve o que só é possível se o cliente integra as reivindicações internas e externas.

Polster e Polster (1979) afirmam que a consciência de necessidades é uma função orientadora, ou seja, a pessoa precisa saber o que quer antes de ser gratificada, senão o prêmio perde o sentido. Assim, o terapeuta tem a tarefa de ajudar o cliente a reconhecer suas vontades.

Ribeiro (2006) pondera que nenhum ser se autorregula sozinho ou com base nele mesmo, pois todos os seres se autorregulam no mundo e com base nele.

Autorregular-se significa respeitar a totalidade funcional do organismo, significa olhar-se e comportar-se como um todo organizado e eficiente, significa privilegiar as necessidades que gritam dentro de nós para ser saciadas ou satisfeitas, significa olhar-se como uma pessoa inteira no mundo, significa amar o corpo como a casa que habitamos, significa prestar atenção aos infinitos pedidos de socorro que o corpo emite e pensar que o alimento pode ser encontrado, sempre, dentro da própria pessoa, sem perder seu aspecto relacional com o mundo. (RIBEIRO, 2006, p. 56)

Quando a pessoa se autorregula a figura recua e, assim, abre a possibilidade de emergir nova figura, na busca de ser satisfeita.

5.3 AJUSTAMENTO CRIATIVO

Segundo Frazão (1999), o ajustamento criativo se refere a capacidade do indivíduo de interagir ativamente com o ambiente na fronteira de contato, adaptando, sempre que necessário, a demanda das necessidades as possibilidades de atendimento do ambiente. Sendo assim, o ajustamento criativo implica numa relação saudável do indivíduo com o meio à medida que favorece a homeostase ou a autorregulação a partir da satisfação das necessidades.

O ajustamento criativo se dá a partir da utilização das potencialidades de cada um, de forma singular e pessoal, para impulsionar recursos criativos que possibilitem a apropriação das experiências e a recriação da realidade. O ser está em constante transformação, proporcionando a mobilidade e a construção entre as novas experiências e as passadas.

O ajustamento está diretamente ligado à responsabilização pelo seu destino, por sermos livres por nossas escolhas e como vamos vivenciar nossas experiências e criar condições necessárias para nosso bem-estar. (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013).

O ajustamento criativo é o processo que leva as necessidades do organismo e os estímulos do ambiente a interagirem. A pessoa, ao sentir uma necessidade, busca resposta do ambiente. Ajustar-se criativamente é optar por uma decisão que lhe pareça a melhor possível, para cumprir a demanda organísmica que se tornou figura naquele momento (YONTEF, 1998).

De acordo com Perls et al. (1997) e Robine (2006), ajustamento e criação aparecem como dois pólos complementares de um mesmo processo e são mutuamente necessários para que se mantenha um equilíbrio saudável e dinâmico. O ajustamento, sem a criatividade, pode levar a pessoa a acomodar-se aos padrões e às exigências do meio, pois, além de não integrar nenhuma novidade do campo, não lhe resta outra opção a não ser a repetição neurótica.

Segundo Robine (2006, p.53), “o ajustamento garante a dimensão do real e da adaptação, a criação abre para a dimensão da fantasia e para a ampliação de possibilidades”.

Assim, para Yontef (1998), a terapia que apenas ajuda o cliente a se ajustar favorece o conformismo, e a terapia que favorece a interação criativa do cliente faz que ele assuma a responsabilidade pelo equilíbrio ecológico entre self e seus arredores.

O funcionamento saudável na Gestalt-terapia compreende o ajustamento criativo. Ciornai (1995) e Yontef (1998) defendem que o funcionamento saudável é aquele em que a formação perceptual figura-fundo interage criativamente com seu meio ambiente.

Ribeiro (2006, p. 131) afirma:

Não nos ajustamos criativamente quando renunciamos à nossa liberdade, mas quando, embora não conseguindo caminhar, tentamos fazê-lo – e esta tentativa é o caminho do meio, com todos os perigos que ele pode envolver. (RIBEIRO, 2006, p. 131).

Na terapia, o terapeuta deve favorecer ao cliente estabelecer contato com suas soluções já conhecidas, presentes e disponíveis a ele, e encontrar novas soluções à medida que as necessidades forem surgindo. Para tanto, “o cliente precisa aprender a estar atento a suas necessidades imediatas, tentar perceber o mundo como um parceiro, acreditar em suas possibilidades, aprender a perceber que o risco da mudança vale a esperança de um viver mais prazeroso” (RIBEIRO, 2006, p. 68). Isso só pode ser alcançado no aqui-agora.

5.4 FIGURA E FUNDO

Segundo Yontef (1988) a formação do processo de figura e fundo é um processo dinâmico, a figura depende do fundo onde a mesma surge, o fundo é como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa, a mesma sugere alguma coisa que está em evidência diante das suas necessidades surgirá à

necessidade dominante do ser humano, quando a mesma não satisfeita passa a ser fundo, posteriormente surgirá uma nova figura.

O conceito tornou-se importante para se compreender as leis de organização da percepção, a Gestalt-terapia se apropria da mesma forma pois, como afirma Ribeiro (1985):

É interessante observar que a relação figura-fundo no cliente é extremamente fluida, isto é, sua organização está em constante mudança, o que gera no psicoterapeuta a necessidade de também ele estar em fluidez com o cliente. Embora na linguagem do cliente surja um tema, uma figura, mais firme e clara, esta figura adquire, a todo instante, matizes novos, na razão em que o cliente, consciente ou inconscientemente, volta ao seu “fundo” e de lá traz coisas diferentes. (RIBEIRO, 1985, p.75)

Segundo Ribeiro (1985), a figura não é parte isolada do fundo, ela existe no fundo, o fundo revela a figura, e é parte de seu todo, e também do fundo, o fluxo figura e fundo retrata também o processo pelo qual entramos em contato com nossas necessidades, onde está significa para nós o que é emergente.

O processo de formação de figura/fundo é um processo dinâmico no qual as urgências e recursos do campo progressivamente emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante. (PERLS; HEFFERLINE E GOODMAN, 1997, p.45-6)

Quando surge a figura, uma necessidade do cliente, necessidade essa que poderá ser saciada no ambiente, a figura retorna para o fundo, e outras figuras emergem mais fortes. Toda a fluidez desse fluxo ocorre de forma muito rápida. Assim, quando uma vivência é resolvida plenamente, passa a ser fundo na experiência da pessoa e permite que outra experiência se transforme em figura.

5.5 AQUI-E-AGORA

Na Gestalt-Terapia o aqui-e-agora são duas realidades que se relacionam, mesmo porque, de certa forma, uma constitui a outra. É nesse interim que a

realidade está aberta a existência; e é somente nele que o homem pode vivenciar a realidade e explicar a sua própria relação com a mesma. Determina uma condição da sua própria natureza que, condicionada pelo presente, sobrepõe tanto o passado como o futuro, e recaem senão como lembranças ou perspectivas virtuais de um outro momento que também se manifesta ainda no presente.

O presente é uma movimentação permanente entre passado e futuro, e somente no agora a pessoa consegue contatar memórias ou expectativas e, dessa forma, dar-se conta de todas as suas escolhas. Experiências de alguns minutos, dias, anos ou décadas atrás, que têm importância presente, são abordadas no processo psicoterapêutico, assim como o futuro deve ser destacado se ele está presente nos processos atuais (YONTEF, 1998).

Conforme Perls (1977, p. 76):

[...] a técnica gestáltica exige do paciente que ele experencie a si mesmo tanto quanto possa, que ele se experencie tão completamente quanto possa, no aqui-e-agora. Pedimos ao paciente que se dê conta de seus gestos, de sua respiração, de suas emoções, de sua voz e de suas expressões faciais, tanto quanto dos pensamentos que mais o pressionam. (PERLS 1977, p. 76).

Dessa forma, o cliente é levado a crer no potencial do aqui-e-agora e, conseqüentemente, a experienciar o setting (a relação cliente-terapeuta) como uma possibilidade oportuna de atuar na sua própria existência.

5.6 CICLO DE CONTATO-RETRAÇÃO

Segundo Polster; Polster (2001), contato é uma função que sintetiza a necessidade de união e de separação. Pelo contato, cada pessoa tem a chance de encontrar o mundo externo de modo nutridor. O contato é a responsabilidade de mudança.

A dinâmica do contato ou processo de contato se dá de forma rápida e é compreendida como um único todo. Acontece em uma frequência continua de fundos e figuras, esvaziando fundos e emprestando energia para formação de novas

figuras. “Contato é, portanto, o processo de formação de uma figura contra um contexto (fundo) no campo organismo-ambiente. O indivíduo precisa aproximar-se ou retrair-se na fronteira de contato a fim de satisfazer a sua necessidade.” (CARDELLA, 2002, p.51)

Segundo Ginger (1995), o homem está inserido em um processo denominado de Ciclo de Contato-Retração. É também conhecido por ciclo de satisfação das necessidades, ciclo de autorregulação orgânica ou ciclo da Gestalt. É nesse ciclo que o homem satisfaz suas necessidades dominantes e dá lugar às outras, por meio de uma hierarquia de necessidades. É onde ocorre a formação e posterior dissolução de “Gestalts” e, assim, o organismo recupera a homeostase. Pode ser subdividido em etapas, as quais são necessárias para localização de possíveis perturbações. São elas o pré-contato, o contato, o contato pleno e o pós-contato.

O pré-contato é a primeira fase do ciclo na qual predominam as sensações e percepções, o estímulo do meio gera no indivíduo uma excitação que se tornará a figura que solicita seu interesse. O contato é a segunda etapa do ciclo e constitui a fase ativa dele. É a etapa em que o organismo enfrenta o meio e que o objeto desejado se tornará figura, tornando-se fundo a excitação anterior presente no corpo.

O contato pleno é a terceira fase do ciclo de contato-retração na qual ocorre a abertura da fronteira de contato. Existe aí uma troca saudável, na qual organismo e meio são indiferenciados. A ação é unificada no aqui e agora. O pós-contato ou retração é a fase final do ciclo de contato-retração.

Nessa fase ocorre a assimilação/digestão das experiências que as fazem sair do aqui e agora e irem para a dimensão histórica pertencente a cada um de nós. Esse movimento favorece o crescimento do indivíduo. Ocorre assim o fechamento da Gestalt e o sujeito fica então disponível para outra ação.

Sendo assim, as funções de contato possibilitam a mobilização de uma carga de excitação no indivíduo, agindo juntamente com um senso de envolvimento entre o sujeito e aquilo que for interessante para ele naquele momento, não admitindo

somente um aspecto orgânico das funções de contato, mas sim o que elas podem desencadear internamente no sujeito no momento em que aparecem.

5.7 ESTRATÉGIAS DE BLOQUEIO DE CONTATO

Para Ginger (1995), resistências ou mecanismos de estratégias de bloqueio de contato são perturbações na fronteira de contato, de origem interna ou externa ao sujeito que não permitem o contato saudável com o meio, podendo ser saudáveis ou patológicos, dependendo de sua intensidade, maleabilidade e o momento em que surgem.

Sendo o contato uma maneira de o sujeito se estabelecer e se colocar em relação com o mundo, pode-se observar que esse processo ocorre em uma fronteira. Essa fronteira é extremamente necessária, pois por intermédio dela mantém-se um senso de separação e união entre organismo e meio. Esse limite de separação e união entre a pessoa e o meio é denominado fronteira de contato e serve, muitas vezes, para que a união proporcionada pelo contato não sobrecarregue a pessoa que está em relação.

É por intermédio da fronteira de contato que ocorre o surgimento das mudanças e transformações do ser humano e, além disso, é também na fronteira de contato que se constituem as obstruções, os impedimentos, as confusões “eu-outro”, que podem dificultar o crescimento da pessoa. “A fronteira de contato é o ponto em que o indivíduo experiencia o “eu” em relação ao que é não- “eu” e, por esse contato, ambos são experienciados mais claramente.” (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 115).

Sendo na fronteira que ocorre a experiência do organismo com o seu meio, sem que o organismo deixe de ser quem é, ao mesmo tempo que se modifica pelo contato que estabelece com o que não é ele, é nela (fronteira) que podemos perceber de que forma organismo e ambiente se unem e se separam. É necessário que exista uma função que “regule” as identificações e alienações na experiência de fronteira organismo/ambiente. (SHILLINGS In D’ACRI; Org., 2007, p. 117)

A fronteira de contato não é fixa e, à medida que delimita a interação organismo/ ambiente, possibilita o encontro com algo novo, diferente. O trabalho em Gestalt- Terapia está focado principalmente nos impedimentos, nas confusões ocorridas na fronteira de contato e que interferem nas possibilidades de crescimento e transformação criativa do ser humano.

6 A PSICOTERAPIA GESTÁLTICA E O GESTALT-TERAPEUTA

A psicoterapia gestáltica trabalha focada na relação, dessa forma busca trabalhar o que surge com o cliente, busca a tomada de consciência do aqui-e-agora, lida com o que emerge nessa relação, como é lembrado, as expressões faciais, o tom de voz, a postura, como o cliente fala. Busca trabalhar a unidade das experiências do aqui-e-agora.

O Gestalt-terapeuta trabalha o tempo todo no aqui e agora do comportamento do cliente, esse se torna, através da relação com o terapeuta, capaz de focalizar suas dificuldades e atualizar suas situações inacabadas, de modo a conscientizar-se de como o seu passado aparece em seus comportamentos atuais.

Na terapia Gestáltica o terapeuta não pode forçar o cliente a perceber algo que ele não está percebendo, porque assim estaria indo além de suas possibilidades, nem deixar de intervir em momentos em que o cliente esteja apto para lidar com a situação. O terapeuta busca que o cliente amplie seu nível de consciência sobre seus comportamentos, afim de que possa está no mundo de uma forma mais satisfatória, acompanhando as possibilidades do cliente, facilitando o processo deste em direção a uma ampliação de sua consciência. (RODRIGUES, 2000).

Segundo Gingers (1995), o terapeuta proporciona a conservação da própria alteridade do cliente. O terapeuta quando trabalha com “o que” e o “como”, ele pode está entrando direto em contato com fenômeno, as manifestações externas do cliente como, por exemplo, um choro, um silêncio pode colocar sempre ao caminho de um fenômeno e suas manifestações do seu ser, a busca da essência e de suas necessidades do objeto de trabalho na terapia.

O terapeuta é, basicamente, uma tela de projeção na qual o paciente vê seu próprio potencial ausente; a tarefa da terapia é a recuperação deste potencial do paciente. A presença do terapeuta permite que o cliente se sinta acolhido, isso torna a experiência mais confortável, empática, tirando o peso do cliente carregar todas as suas questões sozinho. Esta presença torna a experiência compartilhada e menos desesperadora para o cliente. (SAFRA, 2004).

Percebe-se que o terapeuta é humano, sensível aos acontecimentos e seu encontro com o paciente envolve o encontro de dois indivíduos, com espontaneidade, o verdadeiro contato que consolida a relação entre paciente-terapeuta. Este pode escolher dentre vários caminhos para entrar em contato com o cliente, como esclarece Juliano (1999), ao chamar de experimentos.

“O experimento é qualquer coisa que aumente a consciência.” (JULIANO, 1999 p.42), pode ser algo pequeno como o espelhar de um gesto, pode ser um desenho ou a dinâmica da cadeira vazia. A sua intensidade e dimensão irão variar de acordo com o momento daquela interação e dependerá em grande parte da expertise do terapeuta e da sua sensibilidade para conduzir o processo.

O experimento é algo proposto de acordo com o momento e relação específicos, levando em conta a singularidade de cada relação.

7 ESTUDO DE CASO CLÍNICO

Nesta etapa, apresentarei um estudo de um caso clínico articulado com as bases teóricas da Gestalt-Terapia. A situação clínica relatada desenvolveu-se em vinte encontros, tendo também algumas faltas justificadas por alguns imprevistos. Usa-se aqui no relato o nome fictício de Métis (nome de origem grega que significa mulher sábia, habilidosa, prudente e astuta), para a cliente atendida. De acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo devemos manter o sigilo e respeito com relação a identidade do cliente.

A busca pelo serviço psicológico nas Clínicas Integradas do UNI-RN, ocorreu através de um encaminhamento de uma Psicóloga que a acompanhava na Liga Contra o Câncer. A cliente foi encaminhada pois precisava de um suporte psicoterapêutico semanal, a mesma encontrava-se em pós-tratamento oncológico (em hormonioterapia há quatro anos) e evolui com demandas familiares que precisavam de um acompanhamento continuado.

A fim de caracterizar de maneira satisfatória o contexto social e pessoal, mas preservando o sigilo, os dados aqui apresentados são elementos base para a construção de uma relação pautada na confiança, estabelecendo assim a aliança terapêutica, condição inexorável para a psicoterapia. (ZINKER, 2001).

Métis é uma mulher de 39 anos, casada há 15 anos, tem um filho de 12 anos. Natural de um município do interior do estado do Rio Grande do Norte. Ela foi criada somente pela mãe, sempre soube quem era o pai, mas não teve contato com ele. Aos 15 anos foi morar no município de Natal, onde conheceu o atual marido.

Na primeira sessão a cliente trouxe uma queixa principal: *“[...] tenho a autoestima muito baixa, sempre tive na verdade. Desde criança me sinto um nada, um patinho feio. Nunca soube dizer não as pessoas, sempre fiz de tudo por todo mundo e nunca fui reconhecida por isso”*. Citou também que tem muito medo de enfrentar a vida sozinha.

Num primeiro momento, trabalhamos com a escuta. O gestalt-terapeuta deve estar preparado para investigar, a partir de uma escuta atenta, a experiência única

do cliente. A cliente se mostrou muito expressiva dentro do espaço psicoterapêutico. Suas expressões, geralmente parecem condizer com o que está dizendo. Nesse sentido, a escuta do psicólogo precisa acontecer muito além daquilo que é dito, é necessário estar atento à comunicação como um todo.

Com relação ao medo do enfrentar a vida sozinha, várias situações que aconteceram durante sua vida levaram-na a ficar com receio, como se evidencia na seguinte fala: *“[...] Sou muito desconfiada, pelo fato de ter sido abandonada pelo meu pai; quando criança quase fui molestada pelo sogro da minha mãe; depois de casada fui traída pelo meu marido, a única pessoa que eu confiava na vida; meses depois tive um câncer” [...]*

Ao questionar a cliente sobre essas diversas situações, foram se abrindo caminhos para novos diálogos. Questionou-se como ela lidava hoje com esse medo. Ela então trouxe à tona a traição que sofreu do marido, fala que aconteceu em janeiro de 2011, descobriu através do celular dele, onde viu várias fotos e mensagens. Expulsou o mesmo de casa, mas fala que ele não foi embora. Prometeu a ela que ia deixar a mulher com quem estava em um relacionamento extraconjugal, ela decidiu tentar perdoar pois não queria que o filho fosse criado longe do pai. Em dezembro do mesmo ano descobriu um câncer no ovário, onde foi necessário fazer uma histerectomia.

Ao longo da sessão sempre surge a figura do marido, a cliente fala que não sabe o que ele representa na vida dela hoje. Neste momento questiona-se como se sente em seu casamento. Ela enumera algumas adversidades, diz que o marido está há um ano desempregado e que o mesmo não vai atrás de emprego. Então problematiza-se como ela sente a felicidade. Ela fala: *“acho que não mereço ser feliz.”*

Surge aqui um dado relevante, ela pergunta *“O que você acha que devo fazer?”*. Questiono: *O que você acha que deve fazer?* Ela retorna: *“Você acha que devo me separar?”*. Então coloco o que você acha que deve fazer, e ela mais uma vez: *“Não sei”*.

Aqui intervenho perguntando se ela sempre espera dos outros a validação para a vida dela. Ela pensa um pouco, e responde que sim. Questiono então como

se sente em relação ao que ela quer. Ela relata o medo de se separar do esposo, e sua mãe a levar de volta para o interior, já que ela depende financeiramente da ajuda da família. Sente-se insegura, e diz ter medo do novo.

A cliente retoma o processo, dizendo que tem uma dificuldade grande em negar qualquer pedido, pois gera uma ansiedade profunda a possibilidade de desagradar o outro. Sempre traz em sua fala que o desejo de ser aprovada pelas outras pessoas é maior que a sua capacidade de fazer algo.

O que deixa claro uma “*deformidade*” na sua fronteira de contato, pois os contatos deixam de se pautar na relação de afetação mútua, para se basear em uma hierarquização dos pólos. Perls já definia “Contato significa estar unido por meio da percepção, a alguém ou a algo fora de si mesmo.” (PERLS, 1977, p.38).

Como relatado em todas as supervisões em que abordei a psicoterapia com Métis, destaquei um elemento recorrente: a dificuldade para ela se colocar em relação às suas insatisfações com os outros, o medo de desagradar é muito forte.

Tomo aqui o conceito de figura e fundo, para poder evidenciar que em uma visão da Gestalt-Terapia toda pessoa deve ser em processo dinâmico figura e fundo na vida, pois cristalizar-se em uma posição estará perdendo ou abrindo mão de sua condição ser sempre estando a viver em possibilidades (PERLS, 1988; ROBINE, 2006).

Abro um parêntese aqui para destacar que as intervenções foram feitas em acordo com o momento do processo terapêutico, levando em consideração a função de cada um na relação dialógica estabelecida, evitando um retraimento ou afastamento (ZINKER, 2001). No processo psicoterapêutico é muito importante o contato e este contato acontece quando o psicoterapeuta disponibiliza seu foco para que o cliente possa perceber o seu.

De acordo com Ribeiro (2006), o contato é fruto da relação homem-mundo e se dá pelas funções sensoriais, motoras e cognitivas. Ocorre através do sentir, do pensar, do fazer, do falar, entre outros. É resultante de fatores psicológicos e não psicológicos, é o que nos leva a essência da pessoa, mostrando a forma como faz suas escolhas e como elas interferem na sua vida.

Nas sessões seguintes a cliente relata que o marido está mais cuidadoso e atencioso com ela. Eu, enquanto terapeuta pergunto: *“E como você está se sentindo diante das demonstrações de carinho dele?”* Ela responde que tem medo de confiar nele novamente. Em uma de suas falas, Métis diz que sente prazer em reclamar do marido, e que se julga melhor que ele. Deseja que ele sinta a mesma dor que ela sentiu, por este motivo ela quer tanto que o casamento não dê certo.

Ao falar do seu casamento, a paciente se remete, sempre, ao passado, lembrava-se do que seu marido lhe fez, fazendo com que a mesma lembrasse da traição, e das consequências que isso gerou na sua vida e na vida do seu filho, nas dificuldades que passaram quando ela descobriu o câncer. Fala que não consegue ter um diálogo com o marido e isso é muito angustiante, porque ele sempre fica calado e não a responde. Fazendo com que ela muitas vezes não consiga expressar tudo aquilo que está sentindo.

Ao ouvir os relatos da cliente, considerou-se importante que a cliente entrasse em contato com seu marido, utilizando-se a técnica da cadeira vazia. Ao falar com o marido ela diz:

“[...] eu diria para você mudar suas atitudes em relação a mim e ao seu filho. A partir de hoje não farei mais sexo com você, dói, incomoda, eu estou me sentindo seu depósito de espermatozoides. Não o amo mais como homem, e estamos empurrando nosso casamento com a barriga. Nós dois estacionamos. Eu pensei que tinha o perdoadinho, mas na verdade eu tenho medo de me entregar a você novamente, tenho medo de tentar e ver que na verdade não restou nada. Queria admirar você como homem, mas eu não lembro mais o motivo que fez eu me apaixonar por você.”

Ao falar com o marido, no primeiro momento a cliente demonstrou-se desconfortável. Percebi que ficou tensa, inclusive pela sua expressão corporal, estava rígida e tensa. Ao terminar de falar, perguntei como a cliente estava se sentindo. Ela disse: *“[...] foi estranho falar com ele, ali naquela cadeira.”*

Posteriormente, fiz a seguinte indagação: *“Qual seu sentimento hoje pelo seu marido?”* Ela responde: *“[...] meu sentimento por ele hoje é apenas de amizade, temos uma boa relação de amizade, mas, como marido, não consigo ter mais nenhuma admiração por ele [...]”*.

A cadeira vazia foi uma técnica amplamente utilizada por Fritz Perls e se tornou muito famosa. Segundo Hycner (1995, p. 47-8):

“Cadeira vazia” é diálogo. A maior parte dos Gestalt-terapeutas se refere ao trabalho da cadeira vazia como a construção de um diálogo entre duas polaridades de uma pessoa. Em sentido mais restrito, a denominação parece errônea, considerando-se um aspecto sempre enfatizado por Buber: ser surpreendido pela “alteridade” da outra pessoa, que é sempre diferente de mim. Devido a essa alteridade, nunca posso prever com certeza o que a outra pessoa fará. Esse sentido de não saber e de ser surpreendido é fundamental no diálogo genuíno. Parece suspeito se referir à interação entre duas polaridades da pessoa como um verdadeiro diálogo...O trabalho da cadeira vazia parece ser um autodiálogo em que ficamos conscientes de que estamos divididos ou de que há ao menos dois pensamentos ou sentimentos polares dentro de nós que estão em conflito; estamos tentando ouvir ambos os lados. Em sentido mais restrito, isto não é um diálogo, e sim uma espécie de dialética intrapsíquica. Entretanto, com frequência, é necessário passar pelos impedimentos intrapsíquicos antes que um diálogo genuíno possa ocorrer.” (HYCNER, 1995, P. 47-8).

Ao ser usada, adequadamente, a cadeira vazia é um instrumento terapêutico experiencial e pode se transformar num experimento que ajude o cliente a: finalizar situações inacabadas antigas ou atuais; acabar com evitações; fazer contato com partes de si mesmo dissociadas; rever conflitos; ter acesso a pessoas inacessíveis; encontrar com uma parte sua não desenvolvida e assim por diante.

Nas sessões posteriores à técnica da cadeira vazia, a cliente mostrou mais *awareness* de seus sentimentos. Através do processo psicoterápico, o indivíduo aprende a se tornar mais *aware* e isto só acontece porque o terapeuta provoca o cliente a reconhecer detalhes de seu próprio comportamento, que são relevantes, e que até então eram ignorados pelo indivíduo.

Essa *awareness* é fundamental para que o cliente, em dada situação, consiga perceber o que é figura e o que é fundo, e a partir daí conseguir perceber qual sua dificuldade de lidar com a situação. Sendo que nesse momento é possível que o indivíduo consiga visualizar e criar alternativas para mudar a situação atual em que se encontra.

Na sessão seguinte, a cliente chegou bastante inquieta e diz que tem sensações de lutar por uma coisa que não acredita. Falou que não está vivendo direito, que não quer viver junto do marido, mas também não quer viver separada. Na quinta teve insônia, pegou o celular e mandou uma mensagem para ele: “Não

vou ter mais relações sexuais com você.” A cliente diz que estava disposta a conversar, mas a única atitude do mesmo foi dizer que não tinha nada para conversar com ela.

Métis relatou que depois que decidiu não ter mais relações sexuais com o marido está se sentindo muito bem, antes ela dizia não, ele insistia e ela acabava cedendo para satisfazer as necessidades dele, hoje não mais. Ao questionar a cliente sobre o sentimento dela diante disso, ela fala que finge que está tudo bem no casamento para não mandar o marido ir embora.

Ao ouvir a história de vida dessa cliente, para quem as pessoas, de um modo geral, não são confiáveis, enquanto terapeuta pude perceber que à medida que os encontros foram acontecendo, a cliente foi se tornando mais à vontade para falar de suas angústias e inquietações, possibilitando um contato autêntico entre nós. Uma relação de confiança foi estabelecida.

Para Buber (1979) “toda relação existencial verdadeira entre duas pessoas começa com a aceitação”. Aceitar o cliente como ele é, sem pré-julgamentos, deixando-se de lado as crenças do terapeuta, faz-se fundamental no processo psicoterápico.

Vale ressaltar que os atendimentos com esta cliente não foram encerrados, de forma que continuamos trabalhando com as questões trazidas pela mesma. Sendo que uma mudança, significativa, no seu modo de pensar a respeito dos seus medos e das suas desconfianças com relação às pessoas, foi observada, pois a cliente relata que a psicoterapia contribuiu muito para esta mudança.

Atualmente ela diz que está bem feliz, está trabalhando muito. Já consegue sair sozinha dos momentos de tristeza, consegue se equilibrar sozinha. Está bem segura e está gostando dessa segurança. Depois de se contactar consigo mesmo, refletiu que colocava os problemas à frente de tudo, que não via as possibilidades da vida, não enxergava o que estava a sua frente. E no que diz respeito à autoestima, diz que se colocava no lugar de coitadinha, mas agora não mais, ela quer vencer na vida, quer lutar, não quer está mais nesse lugar de coitadinha. Sua força de vontade está acima de tudo.

Atualmente, Métis se mostra bem mais resolvida em vários aspectos de sua vida. Encontra muito mais facilidade e prazer em fazer as coisas por ela mesma.

Hoje é presidente e coordenadora de um centro espírita, entrou em um grupo de teatro, onde é a protagonista de uma peça, dar palestras, confecciona camisas e banners, caminha regularmente, enfim, presta mais atenção em si mesma.

Já conseguiu se dar conta de vários aspectos relacionados a sua forma de lidar consigo e com o mundo. Sua autoestima já está bem mais alta, a ansiedade não atrapalha mais o seu dia-a-dia. Consegue fazer muitas coisas por si mesma sem depender do marido em tempo integral. Antes precisava estar sempre com ele caso contrário se sentia extremamente sozinha.

Hoje se dá conta também de que pode ser boa e ruim, ou seja, percebe que tem um lado um pouco mandão e autoritário principalmente dentro do seu casamento e também é uma pessoa dócil e carinhosa. Coloca que é bem confortante se dar conta de que realmente pode ser as duas coisas. Ainda guarda muitas mágoas com relação a traição do marido e de manter a sua casa praticamente sozinha. Sempre se sentiu sobrecarregada com tudo isto.

Aos poucos está conseguindo também dar valor as suas próprias conquistas sem necessariamente precisar da aprovação do outro. Lógico que gosta de ser reconhecida, mas não depende mais tanto deste reconhecimento.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do “*ser terapeuta*” representa a possibilidade de aprender e experienciar na prática clínica as teorias vistas nas disciplinas acadêmicas, além de ser uma oportunidade de compreender o processo terapêutico.

É importante entender que cada pessoa tem um tempo próprio para entrar em contato com seus sentimentos, com suas resistências e angústias. Compreender que nós, terapeutas, precisamos ser pacientes e respeitar o momento do outro e a forma como este lida com sua dor.

Cabe também salientar que a realização de supervisões de caso pode, sim, contribuir para o desenvolvimento de um olhar apurado para o andamento do processo de cada cliente específico. Outro aspecto assinalado no trabalho é a demonstração de como a Gestalt-Terapia trabalha na prática a sua teoria, de como compreende o homem e seu funcionamento.

A grandeza do encontro terapeuta-cliente possibilita o surgimento de inúmeros aspectos únicos que são despertados em cada um dos envolvidos de maneira diferente.

Assim, finalizo este trabalho ciente de que a continuidade dessa construção como psicoterapeuta será constante, pois a cada encontro com o cliente uma sensação diferente será despertada, novas possibilidades se abrirão, algo diferente sempre será mobilizado.

Sou grata aos meus clientes pela confiança estabelecida e por se colocarem inteiros na terapia, o que contribuiu para a construção de uma relação verdadeiramente genuína. Esse estágio foi, antes de tudo, um encontro comigo mesmo, uma confirmação da minha escolha profissional feita anos atrás. Uma caminhada que envolveu muita emoção, descoberta, dor, alívio e acima de tudo, certeza de que quero seguir na Psicologia Clínica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C. **A vivência do cliente no processo psicoterapêutico**: Um estudo fenomenológico na Gestalt-Terapia. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, 2007.

BEISSER, A. R. **A teoria paradoxal de mudança**. In J. Fagan & I. Sheperd (orgs.). Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações (pp. 110-114). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Moraes, 1979.

BUROW, O; SCHERPP, K. **Gestaltpedagogia**: um caminho para a escola e a educação. Trad. br. Luiz Alfredo Lilienthal. São Paulo: Summus, 1985.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta**: Uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2002.

CARDELLA, B. **O amor na relação terapêutica**: uma visão gestáltica. São Paulo: Summus, 1994.

CIORNAI, S. **Relação entre criatividade e saúde na Gestalt-Terapia**. Palestra apresentada no I Encontro Goiano de Gestalt-Terapia. **Revista do ITGT (Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia)**, Goiânia, n. 1, 1995.

CARDOSO, Claudia Lins. Homeostase. In: D'ACRI, Gladys, LIMA, Patrícia, ORGLER Sheila. **Dicionário de Gestalt- Terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2007

ENGELMANN, A. (2002). **A psicologia da gestalt e a ciência empírica contemporânea**. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, Brasília, 18(2), pp. 1-16.

FADIMAN, J; GRAGNER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Editora: Harper & Row do Brasil, 1986.

FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. Existencialismo. In: D'ACRI, Gladys, LIMA, Patrícia, ORGLER Sheila. **Dicionário de Gestalt- Terapia: “Gestaltês”**. São Paulo: Summus, 2007

FONSECA FILHO, J.S. **Psicodrama da loucura**: correlações entre Buber e Moreno. 7. Ed. rev. – São Paulo: Ágora, 2008.

FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013.

FRAZÃO, L. M. **A compreensão do funcionamento saudável e não saudável a serviço do pensamento diagnóstico processual em gestalt- terapia**. V Encontro Goiano de Abordagem Gestáltica, 1999.

GINGER, S; GINGER A. **Gestalt**: uma terapia de contato. São Paulo: Summus, 1995.

GOMES FILHO, J. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras, 2003.

GOMES, W. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente**. Psicologia, USP, 1997.

GOMES, W. **Fenomenologia e pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

HALL, C. S; LINDZEY, G. **Teoria organísmica**. In C. Hall & G. Lindzey (orgs.). Teoria da personalidade, vol. 2 (pp. 29- 41). São Paulo: EPU, 1984.

HALL, C. S. & LINDZEY, G. **A teoria de campo**: Lewin. In C. Hall & G. Lindzey (orgs.). Teoria da personalidade, vol. 3 (pp. 33- 85). São Paulo: EPU, 1984.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLANDA, A. **Fenomenologia, psicoterapia e Psicologia Humanista**. Estudos de Psicologia, 1997.

HOLANDA, A. **Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber**. São Paulo: Lemos, 1998.

HOLANDA, A. F. **Saúde e doença em Gestalt-Terapia: aspectos filosóficos**. Estudos de Psicologia. Campinas, vol.15, nº 2, 29-24, 1998.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

JACOBS, L. **O diálogo na teoria e na Gestalt-terapia**. In R. Hycner & L. Jacobs. *Relação e cura em Gestalt-terapia* (pp. 67-94). São Paulo: Summus, 1997.

JULIANO, J. C. (1999). **Gestalt-terapia: revisitando as nossas estórias**. *Revista de Gestalt*, 2, 7-23.

KARMOWSKI, S. **Gestalt-terapia e Fenomenologia: considerações sobre o método fenomenológico em Gestalt-terapia**. Campinas: Livro Pleno, 2005.

KOHLER, W. **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

LEWIN, K. **Princípios de Psicologia Topológica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

LIMA, P. A. **Psicoterapia e mudança – Uma reflexão**. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, P. A. O holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 3-8, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 set. 2017.

ODDONE, H. **O nascimento da Gestalt-Terapia**. Catanduva, SP: [s.n.], 2000.

PENNA, A. **Introdução ao Gestaltismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

PERLS, F. (Org). **Isto é Gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. **Gestalt terapia explicada**: “gestalt therapy verbatim”. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PETRELLI, R. **Fenomenologia**: teoria, método e prática. Goiânia: Editora UCG, 2004.

POLSTER, E; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

POLSTER, E; POLSTER M. **Gestalt-terapia Integrada**. Trad. br. Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: o processo grupal**: uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística. São Paulo: Summus, 1994.

RIBEIRO, J. **O Ciclo do Contato**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos.** São Paulo: Summus, 2006.

ROBINE, J. M. **O self desdobrado: perspectiva de campo em Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, Hugo Elídio. **Introdução à Gestalt- Terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica.** Petrópolis: Vozes, 2000

SAFRA, G. (2004). **Sofrimento e adoecimento humano.** DVD – aula ministrada no curso de graduação do curso de psicologia da USP.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo.** São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores), 1973.

SCHILLINGS, Ângela. **Fronteira de contato.** In: D'ALRI, G. LIMA, P. e OCLER, S. Gestaltês. São Paulo: Summus, 2007.p.116-117.

SCHULTZ, D. P; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna.** São Paulo: Cultrix, 1992.

SMUTS, J. C. (1996). **Holism and evolution.** New York: The Gestalt Journal Press (Original de 1926).

YONTEF, G. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, família e sistemas íntimos.** São Paulo: Summus, 2001.

ZINKER, J. **Processo Criativo em Gestalt-terapia.** Trad. br. Maria S. Mourão N. São Paulo: Summus, 2007.

ZUBEN, N. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo.** Bauru: Edusc, 2003.

APÊNDICE - RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO



Liga de Ensino do Rio Grande do Norte
Centro Universitário do Rio Grande do Norte
Curso de Psicologia – Coordenação de Estágio
Professor Orientador: Eudes Basílio de Alencar
Aluna: Hylane Larissa Bezerra de Souza

PLANO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

**NATAL/RN
2017**

HYLANE LARISSA BEZERRA DE SOUZA

PLANO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Plano de estágio apresentado à coordenação do Estágio Supervisionado, do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), orientado pelo professor Eudes Basílio de Alencar Segundo Júnior.

NATAL/RN

2017

SUMÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO.....	4
2. OBJETIVOS.....	5
2.1 Objetivos Gerais.....	5
2.2 Objetivos Específicos.....	5
3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	6
3.1 Descrição Funcional do Local do Estágio.....	6
3.2 Descrição da Equipe de Trabalho.....	7
4. ATIVIDADES PROPOSTAS.....	8
5. CRONOGRAMA.....	9
6. BIBLIOGRAFIA.....	10

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome: Hylane Larissa Bezerra de Souza

1.2 Matrícula: 2013c020921

1.3 Estágio em Psicologia Clínica

1.3.1 Sub-área de estágio: Gestalt-Terapia

1.4 Local do Estágio: Clínica Integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). Localizada na Rua Prefeita Eliane Barros, 2000, Tirol, 59014-545, Natal/RN. Telefone: (84) 3215-2917 ou (84) 3215-2918

1.5 Nome do Supervisor Acadêmico: Eudes Basílio de Alencar Segundo Junior - CRP: 17/0523

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivos Gerais:

Desenvolver profissionalmente as habilidades e competência da formação em Psicologia, atrelando os conhecimentos adquiridos na graduação com a prática clínica, a partir dos pressupostos da Gestalt-Terapia; possibilitando uma construção acadêmica para a atuação como psicóloga.

2.2 Objetivos Específicos:

- Exercitar a capacidade de escuta clínica nos atendimentos individuais;
- Promover a saúde mental do cliente através do processo terapêutico, compreendendo seu ser de possibilidades e desenvolvendo maneiras de manutenção do seu bem-estar;
- Aprimorar os fundamentos teóricos da Gestalt-Terapia;
- Identificar a necessidade de cada indivíduo escolhendo métodos de intervenção adequados a cada questão que me é colocada, de acordo com as singularidades de cada um;
- Desenvolver meu crescimento pessoal, capacidade reflexiva e crítica, assim como a autonomia profissional diante da demanda psicológica de cada cliente.
- Aplicar o exercício profissional de acordo com o código de ética do psicólogo.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O estágio obrigatório em Psicologia Clínica acontecerá na Clínica Integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIR-RN), com a supervisão do Professor Eudes Basílio de Alencar Segundo Junior, sob a luz da Gestalt-Terapia.

A Gestalt-Terapia é uma abordagem fenomenológica-existencial que surgiu a partir da psicologia humanista. Os seus principais representantes foram: Frederick Perls, Paul Goodman, Ralph Hefferline e Laura Perls. Essa abordagem implica uma visão holística, enxergando o ser humano como sua totalidade, incluindo o mundo, a mente e o corpo. Assim, essa perspectiva contraria qualquer dicotomia, pois acredita que se a totalidade do ser for rompida o homem perderá sua essência (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013).

Portanto, configura-se como uma terapia do encontro e do contato. Esse contato define a qualidade do processo e é o fenômeno pelo qual o encontro acontece. A Gestalt-Terapia abre espaço para a criatividade e para os experimentos, fazendo com que a pessoa se explore de forma ativa, ampliando seu entendimento de si e expandindo sua liberdade.

A Gestalt-Terapia trabalha com a experiência, que é mais confiável do que a interpretação. Trabalha com o contato verdadeiro, através do dialogo, encorajando o paciente a desenvolver consciência (aware), tornando-o autentico e responsável por si. Segundo Perls (1977) em Gestalt-Terapia, trabalhamos para promover o processo de crescimento e desenvolver o potencial humano.

3.1. Descrição Funcional do Local de Estágio

O estágio ocorrerá na Clínica Integrada, que está localizada no Centro Universitário do Rio Grande do Norte. Oferece serviços multidisciplinares para a comunidade nas áreas de Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Serviço Social. Tem o objetivo de proporcionar ao aluno um espaço para o desenvolvimento da prática profissional, com devida supervisão de um

docente da área e possui todos os recursos necessários para essa prática. A clínica é coordenada pela Dra. Romeica Cunha Lima Rosado.

A clínica dispõe de um ótimo espaço voltado para os estudantes de Psicologia, oferecendo sete salas para atendimento individual, duas para ludoterapia, além disso, possui salas para plantão psicológico, multiuso, uma sala de atendimento em grupo e para supervisão. Além de uma estrutura toda adaptada para pessoas com necessidades especiais.

3.2 Descrição da Equipe de Trabalho

A clínica Integrada é composta por uma ampla equipe de trabalho para suprir a necessidade dos alunos e dos pacientes. O setor de Psicologia conta com três funcionários na recepção, que fazem os agendamentos dos atendimentos e acolhem os pacientes; uma equipe de apoio geral responsável pela limpeza e manutenção do espaço, bem como climatização das salas de atendimento, nos auxiliando na organização e controle das salas; o supervisor de estágio responsável pela orientação do processo terapêutico dos orientadores e seus pacientes, e por fim, a coordenação responsável, que nos assiste em todos os aspectos, tanto burocrática quanto teóricos.

Semanalmente acontece uma supervisão de estagio, que é composto pelo docente responsável, Eudes Basílio de Alencar Segundo Junior, e por mim e mais cinco estagiários: Júlia Florentino Arruda Câmara, Kátia Augusta de Carvalho Dantas Brandão, Luan Nery Paiva, Maria Clara da Silva Neves, Valtair Lira Lucas. O grupo me acompanhará durante todo o ano e ajudará no meu enriquecimento teórico-prático, diante das trocas dos atendimentos e das vivências grupais compartilhadas.

4. ATIVIDADES PROPOSTAS

A proposta do estágio abrange diversas atividades que ocorrerão no decorrer do ano com a finalidade de construção de um trabalho de conclusão de curso (TCC). O foco dos atendimentos individuais será voltado ao público adulto, jovem e criança. Cada atendimento terá duração de cinquenta minutos, uma vez por semana. Os casos serão supervisionados pelo docente responsável, toda segunda-feira das 16h às 19h, para que sejamos orientados devidamente.

Outra atividade proposta é o plantão psicológico, que ocorrerá de segunda a sexta, das 8h às 20h, que tem como objetivo oferecer um serviço de escuta psicológica, emergencial e preventivo voltado tanto para alunos e funcionários do UNIRN, assim como para a comunidade em geral.

6. BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Conselho Federal de Psicologia. **Código de ética profissional do psicólogo**. 2005.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **A Clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 2015. (Coleção Gestalt-Terapia: fundamentos e práticas;3)

_____, F. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

_____, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

_____, F. **Tornar-se presente**. São Paulo: Summus, 1988.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

JULIANO, Jean Clark. **A arte de restaurar histórias: libertando o diálogo**. São Paulo: Summus, 1999.

KOHLER, W. **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes.** São Paulo: Summus, 1980.

PENHA, João da. **O que é Existencialismo.** 4. Ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1984.

POLSTER, Miriam; POLSTER, Erving. **Gestalt-terapia Integrada.** São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho.** São Paulo: Summus, 1985.

RODRIGUES, Hugo Elido. **Introdução à Gestalt-Terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica.** 8. ed. Petrópoles, RJ: Editora Vozes, 2011.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia.** Trad. Eli Stern. São PAULO: Summus, 1998.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-Terapia.** São Paulo: Summus, 2007.

ANEXO